

## A PLURALIDADE DO CORPO!

Renato Lima de Aguiar<sup>1</sup>  
Antônio Jaco Brand<sup>2</sup>

**RESUMO:** O trabalho apresenta considerações iniciais a partir de projeto de pesquisa intitulado *Corpo e Educação: a relação das concepções sobre corporeidade e as práticas pedagógicas dos professores de educação física escolar*, desenvolvido no âmbito da Linha três, do Programa de Mestrado em Educação, da UCDB. Nele busco analisar as concepções de corporeidade expressadas pelos professores de Educação Física, relacionando-as com as suas práticas pedagógicas, em especial como são produzidas as concepções sobre corporeidade. Início com um breve histórico da multiplicidade de concepções sobre o corpo nas culturas ocidentais, que apontam para um caminho tão complexo quanto o de escrever sobre a história da própria vida humana. Um corpo erótico, médico, religioso, político e cultural, buscando cada um submetê-lo as suas perspectivas exclusivas, devolvendo à consciência a imagem de um objeto simultaneamente estranho e familiar, produtor de identidades. Tratado, por vezes, como objeto, o corpo se revela não apenas enquanto componente de elementos orgânicos, mas, também, como vetor social, psicológico e cultural, presente no cotidiano das relações de produção e de troca, como meio de comunicação, através da linguagem, dos gestos, roupas, instituições, entre outras. É um corpo trans, inter, pluri, marcado por diversos símbolos que se descodificam para conhecer uma personalidade individual, marcado por ambivalências constantes, dependente da cultura e do grupo social que tenta conhecê-lo e controlá-lo.

**Palavras-chave:** corpo – corporeidade – cultura.

---

<sup>1</sup> Licenciado em Educação Física e acadêmico do Programa de Mestrado em Educação da Universidade Católica Dom Bosco - MS.

<sup>2</sup> Professor Doutor do Programa de Mestrado em Educação da Universidade Católica Dom Bosco - MS.

## Considerações Iniciais

Nesse primeiro ensaio sobre o corpo iniciamos tentando de forma direta transformar em palavras escritas o próprio corpo, agitado, reflexivo, comunicativo e tenso, tão tenso quanto os diálogos com alguns autores na tentativa de levantar informações sobre a problemática proposta.

Esse trabalho apresenta considerações iniciais a partir do projeto de pesquisa intitulado *Corpo e Educação: a relação das concepções sobre corporeidade e as práticas pedagógicas dos professores de educação física escolar*, desenvolvido no âmbito da Linha três, do Programa de Mestrado em Educação, da UCDB. Nele buscamos analisar as concepções de corporeidade expressadas pelos professores de Educação Física, relacionando-as com as suas práticas pedagógicas, em especial como são produzidas as concepções sobre corporeidade. Para isso, nesse ponto do *corpo* do texto, levantamos, de forma breve, um histórico da multiplicidade de concepções sobre o corpo na cultura ocidental, trazendo alguns dos elementos que as construíram.

Considerando o corpo como um fenômeno social, ou seja, dentro das práticas nas quais o mesmo está inserido, sentimos a necessidade do levantamento de suas características nas etapas históricas do desenvolvimento da vida em sociedade, ressaltando as mudanças, as divergências e os embates conforme as relações de significados que foram construídos historicamente.

Nesse sentido, a história não pode ser entendida como uma sucessão de fatos no tempo, mas o modo como os homens, em condições determinadas criam os meios e as formas de sua existência social, econômica, política e cultural, reproduzindo-as ou transformando-as (CHAUI, 1987).

A reflexão sobre o corpo remete-nos ao processo histórico que o produz, como fenômeno cultural, bem como às relações de poder e aos confrontos de interesses que ocorrem nas sociedades que influenciam na produção de seus significados. Por isso, escrever sobre o corpo aponta para um caminho tão complexo quanto o de escrever sobre a história da própria vida humana.

O corpo humano tem se apresentado como um campo inesgotável de investigações seja a partir dos referenciais da mecânica, física, psicologia, medicina, através de suas especialidades, educação física, ou, ainda, de referenciais das ciências sociais e teológicas. Embora acessível ao campo científico de diversas áreas, não se

conseguiu ter dele um consenso, uma verdade dada como absoluta. E para auxiliar nesse sentido, Santin (1993, p.63) coloca:

A história do corpo nos mostra múltiplos perfis e diferentes fisionomias do corpo humano. Ele foi a prisão da psiquê ou da alma; o lugar do castigo e da expiação; o estorvo para o desenvolvimento do espírito; a fonte das necessidades, apetites e paixões; a sede das fundações fisiológicas e dos processos metabólicos; uma máquina viva autoconstrutiva, teleonômica e autoreprodutiva; instrumento de trabalho e prazer; objeto de exploração e dominação. Mas enfim, o que é o corpo? A resposta é múltipla e, no fundo, cada sociedade responde segundo seu próprio projeto, pois cada cultura gera a fisionomia do corpo que lhe convém.

Assim, é importante que se possa estudar o corpo na cultura em que se apresenta, já que o mesmo não possui uma única representação e linguagem, mas ao contrário, utiliza uma multiplicidade de significados e dialetos que vão concretizar sua vida e suas ações. Para lidar com essas diferenças, Bruhns (1992) acredita que a educação física pode compreender e construir conhecimentos sobre a cultura dessas diferentes linguagens que se manifestam nas mais diversas formas.

Fazendo uma retomada no tempo e resgatando a memória, é importante lembrar que a cultura do corpo consolidou-se, por um lado, junto ao processo de formação de nações modernas dominadas por um determinado grupo hegemônico e, por outro, integrou-se à nova ciência do mundo contemporâneo que rompia com o domínio da interpretação religiosa.

Santos (1990) afirma que as preocupações com a cultura, incluindo aspectos relativos ao corpo, surgiram associadas tanto às transformações da sociedade e do conhecimento, quanto às novas formas de dominação. Dessa maneira, elas foram institucionalizadas, constituindo-se como parte da própria organização social na qual estão embutidos seus conflitos e interesses, isto é, suas relações de poder.

Dessa maneira, a eleição dos conhecimentos, ou seja, as chamadas verdades científicas que a algumas sociedades priorizam estão diretamente relacionadas com a necessidade e o interesse da manutenção do projeto político hegemônico de determinada época, local e grupo dominante.

### **Os Corpos construídos historicamente**

A idéia que é disseminada sobre o corpo, segundo Santin (1993) é determinada pelas exigências do saber racional, que acaba sustentando valores socioculturais,

legitimando projetos econômicos e políticos. O autor salienta que, com base em cada época, define-se o perfil corporal do homem, de acordo com os valores, as exigências e os interesses de projetos elaborados pelo grupo que detêm o poder.

Nesse sentido, Mauss (1974) apresenta um estudo sobre as técnicas corporais, mostrando a maneira pela qual cada sociedade impõe ao indivíduo um uso rigorosamente determinado de seu corpo.

Desde a antiguidade clássica, de acordo com Braunstein e Pépin (1999), o corpo é visto como elemento de glorificação e de interesse do Estado. O corpo do atleta olímpico foi tão valorizado, a ponto de o vencedor obter regalias do Estado. Mas, a divisão entre corpo e alma era extremamente acentuada. Nas cidades gregas, a atividade corporal contribuía para o sucesso dos Jogos Olímpicos, que por sua vez, contribuía para o controle e coesão cultural. Em Esparta e Atenas, as atividades corporais recebiam um lugar de destaque na educação dos jovens, sendo exigido um corpo belo, fértil e saudável. Davam grande atenção os aspectos biológicos do corpo.

Com a dominação romana sobre os gregos e, conseqüentemente, o contato cultural, o processo de imposição dessa cultura foi intenso. As representações das atividades corporais foram resignificadas de acordo com o momento bélico do Império Romano, sendo divididas, tendo por um lado, o corpo dos integrantes das camadas mais pobres, preparado com exercícios de aplicabilidade bélica, ou seja, preparado predominantemente para ações técnicas de guerra; de outro, as camadas mais abastadas da população, nas quais existia o culto ao belo.

Ainda de acordo com Braunstein e Pépin (1999), os dados encontrados na Idade Média, quanto à cultura corporal, são de acentuado desprestígio, sendo proibida toda e qualquer preocupação com o corpo. Inclusive sendo extintos os Jogos Olímpicos, por ordem da Igreja, extremamente influente. Os preceitos religiosos e o bem da alma eram colocados em oposição ao corpo, tratando o homem de forma dicotômica, sendo o corpo visto com a prisão impura da alma pura. As questões materiais eram desprezadas e a ciência tratada com indiferença.

Já no período renascentista a concepção de corpo foi alterada, começava a haver a preocupação com a liberdade do ser humano, valorizando-se a realização terrena, percebida por meio do trabalho dos artesãos. Durante esse período o corpo é redescoberto e exposto, principalmente no que se refere às artes em que o nu aparece com destaque em muitos pintores famosos, como Michelangelo, Leonardo da Vinci, entre outros. Nesse mesmo contexto, surgiu a necessidade de constituir um método

capaz de produzir conhecimentos que fossem aceitos universalmente, um método padrão, uma ciência universal.

No século XVIII, o saber sistematizado passa a ocupar um papel de destaque, a preocupação é, então com a formação de homens, supostamente, ativos e livres, com ênfase, também, na liberdade do corpo. A diversidade da vida social sugeriu uma multiplicidade de manifestações da cultura, entre elas, a do corpo.

Dentro dessa perspectiva Siebert (1995), aborda alguns fatores que levam a essa diversidade sobre as manifestações do corpo. Nas manifestações culturais, inclusive a corporal, a tecnologia proporcionou, em partes, a falta de liberdade do homem, tornando-o dependente, sujeitando-o ao aparelho técnico como forma de intensificar a produtividade do trabalho. O corpo passou a ser pensado não mais como vida ou objeto de contemplação, mas como objeto técnico instrumental que operaria com base em códigos genéticos, como um autômato que, por meio de operações e cálculos, torna-se previsível e controlável e que, por isso mesmo, teria como modelo a máquina.

Os indivíduos começam a ter acesso a uma quantidade maior e mais diferenciada de bens materiais, destinados a satisfazer às necessidades que foram difundidos pelos meios de comunicação de massa, a sociedade industrial torna-se, cada vez mais uma sociedade de consumo. A produção discursiva da publicidade da sociedade de consumo, os conceitos éticos e culturais, manipula os desejos dos indivíduos, segundo o interesse da minoria privilegiada. Os profissionais da política, os produtores de máquinas entendidas como as únicas tecnologias, e as oligarquias financeiras, a fim de manterem-se no poder, tendem a monopolizar a informação, a ciência, a cultura, a riqueza privada e pública. Estes que exercem o poder, também divulgam interesse pela defesa de todas as causas consideradas justas, julgando o que é justo a partir de seus próprios valores. Por exemplo, interesse pela defesa das massas, mas somente as que mereceriam por uma questão de “justiça” ser representadas. Influenciando os indivíduos a passividade, já que seriam sempre representados, nunca exerceriam nenhum poder ou a aceitação da inferioridade, já que não são representados por que suas causas não seriam “justas”.

Essa postura de representação, a industrialização e a urbanização, por meio de um trabalho desumanizado e de uma organização monolítica, enfraquecem o interesse dos membros pelo grupo, pelas atividades coletivas, individualizando os seres humanos.

Assim, podemos considerar que os sentidos que os indivíduos atribuem às coisas modificam-se de acordo com os processos de significação do grupo em que estão inseridos. De significativo e completo, pode tornar-se fragmentado e abstrato. Sendo

esse conjunto condicionado pelos valores e pelas normas culturais dominantes, impondo modelos e conceitos epistemológicos.

### **Algumas questões epistemológicas**

As idéias sobre o corpo humano foram modificando-se desde o advento da chamada ciência moderna. Inicialmente, o modelo de elaboração da idéia de corpo era fornecido pela principal ciência, a mecânica, e, como consequência, o corpo era pensado como máquina. Posteriormente, com o desenvolvimento das chamadas ciências da vida (biologia e seu ramos), o corpo passa a ser visto como organismo dotado de funções próprias, capaz de realizar a mais importante delas, que é a sobrevivência.

O conhecimento do corpo foi visto por muitos estudiosos apenas como organismo vivo, tendo validade, na medida em que era avaliado por pesquisas experimentais em laboratórios e submetido aos modelos teóricos rígidos. Na ordem dos grandes sistemas explicativos, a ciência destacou-se como legitimadora da racionalidade, relegando como não científico o não demonstrável, em fim, tudo que se referisse à subjetividade.

Esses projetos pretendiam não apenas controlar a técnica do trabalho e o lazer dos seres humanos, mas, principalmente, controlar a moral, domesticando as subjetividades, modificando seu modo de vida. As preocupações com a saúde, também, foram constantes, pela ameaça que isso poderia representar à deteriorização da força de trabalho da máquina corporal.

Na Europa, do século XVIII e início do século XIX, é consolidado o Estado Burguês, e a burguesia como classe, para manter a hegemonia, procura investir na construção de um homem que possa suportar uma nova ordem político-econômica. Para garantir o aumento das forças produtoras do corpo, é exigido um sistema preciso de comando. Nesse sentido, são utilizados exercícios bastante eficientes, orientados por ordens que não precisam ser explicadas e que devem ser, possivelmente, transmitidas por sinais.

O corpo passou a ser estudado e investigado num contexto médico-científico preocupado em classificar os casos de patologia física e psíquica com a finalidade de normalização e regulação das condutas, dando origem a uma ciência que precisava saber tudo sobre o corpo, para poder controlá-lo melhor. Esses estudos introduziram conhecimentos e normas sobre o corpo sem, no entanto, questionar os próprios códigos

que o produziam e, com isso, criaram novas dificuldades de compreendê-lo. Tendo a medicina de ocupar-se com os desvios das definições dadas como oficiais, criou-se um mecanismo conceitual para explicar as patologias, contribuindo para a conservação da realidade ameaçada. Isso requereu uma teoria de diagnóstico, pois a conduta do dissidente desafiava a realidade social como tal, pondo em dúvida as normas consideradas válidas. Finalmente, precisou haver a conceituação do processo curativo que deveria ser organizado da tal maneira que despertasse a culpa no indivíduo, mantendo-o dentro do universo padrão exigido pela sociedade.

O estudo do ser humano, reduzido à sua existência biológica, passa a ser determinado pelo processo de conhecimento que ocorre por intermédio do aparelho perceptivo que registra e transforma os impulsos que vêm da natureza. Esse modelo de pensamento produz teorias que justificam as desigualdades sociais pela via dos determinantes biológicos, ou seja, as situações são consideradas naturais, invariáveis e independentes da ação humana, justificando as desigualdades sociais.

Foucault (1987) diz que as sociedades ocidentais foram as únicas que, para produzir discursos sobre o corpo, desenvolveram o que ele chama de “ciência corporal”, ou seja, a verdade sobre o corpo, criado com base em conhecimentos de diferentes áreas como a medicina, a demografia, a pedagogia e outras. Que produziram junto com seus conhecimentos fragmentados mecanismos para observar e controlar os indivíduos, afim de “livrá-los” de qualquer desvio de conduta que pudesse comprometer a sociedade.

O projeto não era apenas controlar racionalmente a saúde, mas, principalmente, a moral das classes subalternas, domesticando as subjetividades, modificando seu cuidado com o corpo e seu modo de vida.

As pesquisas relativas ao corpo apoiaram-se, e muitas vezes ainda se apóiam, num modelo de ciência empírico-analítica, em que os dados são coletados mediante testes padronizados, codificados em categorias numéricas que permitem a descrição dos sujeitos através de um perfil, um esquema cartesiano, uma tabela de correlação (Kunz, 1991). Ao isolar as variáveis, essa abordagem de pesquisa provoca uma relação do objeto a ser estudado, negando suas relações com a sociedade. Esse autor ressalta que essas pesquisas negam-se a aceitar outro tipo de investigação que não seja a causal. As mesmas preocupam-se em explicar os fatos, usar hipóteses e, utilizando-se de operações, segundo leis da demonstração lógica, aceitas universalmente. Dessa forma, as pesquisas empírico-analíticas, utilizando-se de princípios das ciências exatas e

naturais, tentam explicá-los às ciências humanas, abordando o particular e único, em favor do generalizável e reaplicável.

Um dos resultados da física moderna foi a possibilidade de explicar o corpo humano anatômica e fisiologicamente como um corpo “natural”, ou seja, movido pela ação da causalidade eficiente, como uma máquina que opera sem a intervenção da vontade (Chauí, 1987). Tal concepção mecanicista do mundo ainda se encontra na base da maioria das ciências, continuando a exercer influência em vários aspectos da vida humana. Capra (1982) observa que, enquanto a nova física se desenvolvia no século XX, a visão de mundo cartesiano e os princípios da física newtoniana mantinham sua hegemonia sobre o pensamento científico ocidental. Esse autor diz que nessa abordagem de ciência:

(...) o corpo humano é considerado uma máquina que pode ser analisado em termos de suas peças; a doença é vista com um mau funcionamento dos mecanismos biológicos, que são estudados do ponto de vista da biologia celular e molecular; o papel dos médicos é intervir física e quimicamente para consertar o defeito no funcionamento de um específico mecânico enguiçado (1982, p.116).

Cabe aqui ressaltar que o desenvolvimento da medicina caminhou de mãos dadas com uma nova área, a educação física, determinando, também, a concepção mecanicista de vida em relação à saúde e às prescrições de exercícios físicos aconselhados à melhoria da qualidade de vida. Sendo essa qualidade entendida apenas como biológica, a melhoria do funcionamento da maquinaria corporal, a fim de possibilitar maior tempo de vida aos indivíduos.

Para Santin (1987), isso desumaniza o homem, já que esse se torna humano, dentro da dimensão de sentido, nos valores que ele cria com base nos quais instaura um sistema de significados. Os processos de simbolização são muito importantes para o estudo sobre o corpo. Conforme Santos (1990), é a simbolização que permite que o conhecimento seja condensado, que a experiência acumulada seja transmitida e transformada. A função simbólica faz com que o homem descubra sua subjetividade, que sua ação não se baseie apenas nas necessidades orgânicas, que seus desejos não sejam meras satisfações biológicas.

Fraga (2006) referindo-se aos tempos atuais valeu-se da indagação do filósofo José Gil:

Que corpo podemos nós ter hoje? Que corpo “natural”, humano, para uma alma que se tornou completamente artificial, antinatural, destruidora da

natureza? Pomos à prova os limites da nossa “naturalidade”, procuramos pontos de referência por toda parte e é por isso que acolhemos todas as espécies de monstros (apud, FRAGA, 2006, p. 74)

Essa ambigüidade relatada traz a importância de pensar, atualmente, no corpo contextualizado. Sem a tentativa de levantar inúmeras descrições, a fim de revelar uma essência humana. Mas de buscar referências aos sistemas de significação que criam e fazem aparecer nos corpos identidades e diferenças bem marcadas que nomeiam os sujeitos, bem como a instabilidade das relações entre eles.

Também sobre as ambigüidades presentes no cotidiano, Silva (1999) comenta que apesar de ser uma dádiva presenciarmos um momento de deliciosos cruzamentos de fronteiras e de um fascinante processo de hibridização, paradoxalmente é, também, uma desgraça vivermos em um tempo em que a miséria, o sofrimento, a exploração e a soberania das leis de mercado ainda vêm sendo consideravelmente ampliadas em diferentes partes do mundo.

Por essas características atuais e pela forma intencional de expressividade que o corpo apresenta, gerando sensações, emoções e imagens, que é importante pensá-lo de forma localizada no mundo. Tendo a cultura como fundamental na determinação da maneira como esse corpo vai se expressar, buscar compreender o sentido/significado que têm essas práticas corporais para a comunidade que as vive. Percebemos, assim, que cada povo vai expressar diferentes formas de movimentar os corpos, sempre de acordo com a sua visão de mundo, ou seja, com a sua cultura.

### **Considerações Finais**

Percebe-se, na história, como diferentes culturas e povos usaram da ciência, passando pelas várias áreas de conhecimento e pedagogias, à religião, para buscar manter o corpo sob controle. E esse desejo segue, ainda, no presente, constituindo uma pluralidade de significados existentes.

Concordando com Sant’Anna (2006), realizar esse trabalho histórico é, sem dúvida, uma tarefa perigosa e grandiosa. A possibilidade de estudar o corpo por meio de uma das inúmeras vias, seja a saúde, o esporte, a educação ou outra, investigando como um grupo social específico, a partir de seus referenciais culturais próprios deu e dá significado e busca controlar o corpo, se faz importante.

Os resultados encontrados, além de visualizarem formas específicas e diferenciadas de manter o organismo e sua estética, contribuem para explicitar como as relações humanas são atravessadas por incertezas, por temporalidades, por poderes assimétricos. Percebe-se como relações de poder assimétricas incluem/excluem, classificam, demarcam fronteiras, normalizam, assombam, hierarquizam e posicionam cada um de nós.

Esse rápido e tenso caminhar, também, sinalizou para a importância de superar a visão de uma natureza humana com um substrato biologicamente fixo, determinando as várias formações socioculturais. Percebeu-se que toda cultura tem uma configuração de corpo distinta, que produziu e produz suas formas próprias de definição e conduta corporal. Dessa forma, as diversas configurações que o corpo adquiriu historicamente indica que estas devem ser lidas no âmbito das diversas configurações culturais e não no âmbito de uma natureza humana biologicamente fixa.

É preciso um esforço para questionar, ainda, a hierarquização dos conhecimentos científicos sobre o corpo, entendendo-os como produzidos no contexto de relações assimétricas de poder, que permitiram, historicamente, a imposição de um discurso unitário, formal e científico, que exclui outros saberes, produzidos no âmbito de outras culturas, qualificados como saberes locais e, portanto, inferiores e subalternos, frente ao saber hegemônico.

Santin (1987) explica que a ação comunicativa, pela qual o homem se torna visível aos outros, acontece pelo gesto e pela palavra, que são fenômenos corporais e possuem significado. Nesse contexto, o gesto e a palavra são mediadores do universo intencional, do ser humano implicando em comunicação expressiva. A expressividade do gesto humano possui uma intenção simbólica e, nesse sentido, adquire uma dimensão valorativa. E, só assim, o homem torna-se sujeito de seus atos e de duas identidades.

Por isso, uma ação reflexiva do corpo pode levar-nos, enquanto sujeitos, a perceber a pressão dos aparelhos legitimadores da sociedade, que restringem as possibilidades humanas. A conquista e a colonização constituíram-se num ato de grande violência em todos os aspectos da natureza humana, que se evidencia, também, no silenciamento e adestramento dos corpos dos povos colonizados.

## **Referências**

- BRAUNSTEIN, Florence; PÉPIN, Jean-François (1999). *O lugar do corpo na cultura ocidental*. Lisboa, Instituto Piaget.
- BRUHNS, Heloísa (1992). “O culto do corpo-prazer, o fenômeno lazer e lúdico”. In: *Revista Brasileira de Ciências do Esporte. Lazer como tema*. Volume 12. Ijuí. Unijuí, 1992.
- CAPRA, Fritjof (1982). *O ponto de mutação. A ciência, a sociedade e a cultura emergente*. São Paulo. Círculo do Livro.
- CHAUÍ, Marilena (1987). *Conformismo e resistência*. 2ª Ed, São Paulo. Brasiliense.
- FOUCAULT, Michel (1987). *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. 5ª Ed., Petrópolis. Vozes.
- FRAGA, Alex Branco (2006). “Pedagogias do corpo no limar do século XXI”. In: SOARES, Carmen Lúcia (org.). *Corpo e História*. 3ª Ed., Campinas. Autores Associados.
- KUNZ, Elenor (1991). *Educação Física: ensino & mudanças*. Ijuí. Unijuí.
- MAUSS, Marcel (1974). “Noção de Técnica Corporal”. In: *Sociologia e Antropologia: com uma introdução à obra de Marcel Mauss*, de Claude Lévi-Straus. São Paulo: E. P. U. e EDUSP.
- SANTOS, José Luiz dos (1990). *O que é cultura*. São Paulo. Círculo do Livro.
- SANTIN, Silvino (1987). *Educação Física: uma abordagem filosófica da corporeidade*. Ijuí. Unijuí.
- \_\_\_\_\_ (1993). *Educação Física: outros caminhos*. 2ª Ed., Porto Alegre. EST/EFRGS.
- SANT’ANNA, Denise Bernuzzi (2006). “É possível realizar uma história do corpo?”. In: SOARES, Carmen Lúcia (org.) (2006). *Corpo e História*. 3ª Ed., Campinas. Autores Associados.
- SIEBERT, Raquel Stela de Sá. “As relações de saber-poder sobre o corpo”. In: ROMERO, Elaine (org.). *Corpo, mulher e sociedade*. Campinas. Papirus, 1995.
- SILVA, Tomaz Tadeu da (1999). *O currículo como fetiche: a poética e a política do texto curricular*. Belo Horizonte, Autêntica.